

## Apresentação

Esse número especial de *A Palo Seco* vem reafirmar os intentos do GeFeLit – Grupo de estudos em Filosofia e Literatura – de demonstrar possíveis investigações e reflexões em torno de temas caros e comuns no eterno e instigante diálogo entre a filosofia e a literatura como formas de práticas, de fazeres que privilegiam, nesse momento, Poética ou as Poéticas que inauguram, aproximam, fundamentam, definem e até questionam velhas e novas formas de se pensar o fazer poético. Os textos apresentados aqui foram selecionados a partir das conferências e mesas-redondas do IV Colóquio de Filosofia e Literatura do GeFeLit: *Poética*, realizado na Universidade Federal de Sergipe em julho de 2017.

Abrimos essa edição com o texto integral da conferência de abertura do poeta, ensaísta e editor, Alexei Bueno, que nos oferta uma reflexão a respeito da poesia pré-modernista brasileira, mais precisamente, uma revisão crítica da historiografia literária brasileira que defendeu um certo sincretismo entre poetas das primeiras décadas do século XX, chamados equivocadamente de pré-modernistas e agentes “de um dos períodos mais mal compreendidos da poesia lírica brasileira”, na defesa do autor.

Na sequência, Beto Vianna analisa as manifestações do universo ficcional como resposta cultural ao pensamento representacionista que se apoiou tanto na epistemologia ocidental quanto na filosofia da linguagem. As personagens ficcionais analisadas não são privilégio da chamada literatura propriamente “literária”, ou mais precisamente fazem parte do universo da ficção científica, como Spock da série de tv “Star Trek”, “Jornada nas estrelas”; Sherlock Holmes de Conan Doyle e os robôs de Asimov.

O texto de Antonio Eduardo Soares Laranjeira se centra na análise dos personagens de ficção dos contos de Mário Bortolotto em DJ: canções para tocar no inferno, e amparado pela concepção foucaultiana de estética da existência, observa como a cultura pop influenciou a produção de subjetividades dessas personagens.

Fernando de Mendonça apresenta um estudo acerca do romance *A maçã no escuro* de Clarice Lispector privilegiando a abordagem fenomenológica de Gaston Bachelard acerca dos elementos da natureza e da potência criadora da terra, relacionando o percurso do protagonista Martin com uma reflexão sobre o processo de criação literária.

A contribuição de Eduardo Cesar Maia apresenta uma proposição sobre as ideias do filósofo italiano Ernesto Grassi (1902-1991) a respeito da revalorização estritamente filosófica do pensamento humanista e, portanto, da literatura e da retórica como formas legítimas de especulação sobre o real, por meio da revisão de certos pensadores como Dante, Petrarca, Quintiliano, Cícero, Angelo Poliziano, Coluccio Salutati, Lorenzo Valla, Albertino Mussato, Leonardo Bruni e, principalmente, Giambattista Vico, pensadores que em certo sentido foram deixados à margem da filosofia “oficial”.

Em “Fábula e invenção”, Oliver tolle se dedica a teoria da arte de Sulzer (apoiada na psicologia empírica da escola leibniziana) em que a partir dos conceitos de fábula e invenção procura demonstrar como a criação poética depende mais de observação do que está dado do que de uma invenção, permitindo uma identificação entre a atividade criadora e a do leitor, motivados pelo desafio de reconhecer um significado universal da natureza humana, que contempla também as belas artes como área de saber.

Com “O gótico e os limites do iluminismo: o caso *Wuthering heights*”, Marcos Fonseca R. Balieiro examina a obra *O Morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, buscando estabelecer os aspectos que a associam à tradição gótica, mas problematizando o quanto a obra pode ser lida como tentativa de recusa ao denominado gótico feminino, ao modelo de sociabilidade imposto às mulheres naquele período por influência da filosofia das luzes britânicas.

O artigo de Christine Arndt de Santana nos remete também ao século XVIII e apresenta uma análise da Poética do drama em Diderot, a autora procura demonstrar como o filósofo se utilizou da tragédia doméstica e burguesa como meio de direcionar o homem ao esclarecimento por meio de uma educação estética, visto que o homem esclarecido é sábio, assim como o bom é virtuoso.

O teatro, agora de Voltaire, é abordado nesse número especial por Vladimir de Oliva Mota. Em “A presença da ideia de combate no teatro de Voltaire”, o autor defende que a escolha do gênero teatral na obra do filósofo iluminista é a mais importante artilharia do seu arsenal de luta filosófica, e o combate em Voltaire aparece tanto como crítica e polêmica ao que impeça o bem-estar dos homens em sociedade, quanto como modo de divulgação de seus ideais reformistas que visavam esclarecer leitores e espectadores a deter o mal moral em prol da ideia de civilização.

As duas próximas contribuições privilegiam as poéticas do cômico: em “Poéticas do Cômico na Literatura Brasileira do Século XIX: zombaria, malandragem, ironia”, Jacqueline Ramos se foca na produção literária brasileira do séc. XIX observando como os variados modos de comicidade e funcionalidade do cômico se apresentam na literatura nacional do período, seja através das comédias de costumes de Martins Pena e Qorpo Santo, entre outros; seja na neopicaresca de Memórias de um sargento de Milícias ou pela obra de Machado de Assis que vincula o cômico ao filosófico por meio do seu diálogo com a sátira menipeia e a tradição luciânica.

A poética cômica é também tematizada por Ana Maria César Pompeu, cuja pesquisa procura estabelecer uma poética da comédia antiga a partir de análises da obra de Aristófanes, que de acordo com a autora antecipa a filosofia platônico-aristotélica no que concerne a conceitos fundamentais sobre o fazer poético. Desse modo, o artigo busca estabelecer uma poética da comédia grega antiga a partir das pistas dos próprios textos das peças do comediógrafo grego, sobretudo em *Acarnenses*, paradigma da comédia antiga na defesa da cidade justa durante a celebração das Dionísias Rurais pela paz.

Em “O furor de Hipólito na *Phaedra* de Sêneca”, Tereza Pereira do Carmo se centra na análise da personagem Hipólito para demonstrar como Sêneca conjuga na peça tanto o tragediógrafo quanto o filósofo ao abordar o abandono da razão por meio da paixão como um erro de julgamento que tem consequências sempre funestas. Em *Phaedra*, o furor se presentifica nas palavras e ações do filho de Teseu, a personagem é irracional dominada pelo *pathos*, considerado “uma doença intelectual que priva a alma da saúde”.

Por último, e não menos importante, finalizamos esse número com a reflexão de Orlando Luiz de Araújo sobre a concepção de herói grego antigo representado nos poemas épicos de Homero, na lírica de Tirteu e no teatro de Sófocles. Abordagem que privilegia o herói como potência integrada à coletividade, como o que está entre o humano e o divino, o animal e o deus, terrível e extraordinário como proferido pelo coro em *Antígona* ou como Aquiles e Odisseu na *Ilíada* e *Odisseia*.

Por fim, o Grupo agradece a todos os que fizeram possíveis tanto o Colóquio quanto os resultados dos encontros e discussões, em parte representados aqui pelos textos de 13 pesquisadores que nos brindaram com os resultados de suas investigações que vistas em seu conjunto colocam a filosofia e a literatura de mãos dadas demonstrado nessas variadas abordagens que ora investigam uma poesia de fundo filosófico, ora uma filosofia que se utiliza do poético, entre tantas outras aproximações<sup>1</sup>.

Luciene Lages Silva

---

1. Registramos nosso agradecimento à CAPES pelo auxílio financeiro que viabilizou, mais uma vez, o IV Colóquio do GeFeLit custeando a vinda de nossos conferencistas e palestrantes.